

VI Bibliografia

Bibliografia Citada

AZEVEDO, Rosário (2007). A acção pedagógica do Serviço educativo do Museu Calouste Gulbenkian; in *Museologia.pt*, nº1: Instituto dos Museus e da Conservação;

BALDRICO, Joaquim (1998). Os Moinhos de Maré em Aldeia Galega – nas margens do tempo in *O Cidadino*: Boletim da Junta de Freguesia de Montijo;

BRUNO, Cristina (Julho 2004). *Principais campos da Ação Museológica*, comunicação apresentada em Museus e Exposições no século XXI: Vetores e Desafios Contemporâneos, Seminário CCBB;

_____ (1997). *Museologia e Museus: princípios, problemas e métodos*, Cadernos de Sociomuseologia, nº10: ULHT;

BUSSMANN, Werner; KLÖTI, Ulrich; KNOEPFEL, Peter (1998). *Politiques Publiques Evaluation* : Económica ;

CARVALHO, Leonor (2002). A Central Eléctrica da Companhia Fiação e Tecidos de Alcobaça: Um Testemunho ímpar da Industrialização e Urbanização da Vila e da Região, Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, orientada por Cristina Bruno;

Centro de Estudos sobre Cidades e Vilas Sustentáveis/Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente/Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Nova de Lisboa (2000) - *Plano Estruturante – Zona Ribeirinha da Cidade de Montijo*: Câmara Municipal de Montijo;

CHAGAS, Mário, JÚNIOR, José do Nascimento (2007). Veredas e construções de uma política nacional de museus; *in* *Museologia.pt*, nº1: Instituto dos Museus e da Conservação;

_____ (2006). Os Museus na sociedade contemporânea: um olhar poético;

_____, CHAGAS, Viktor (2006). Memória Rupestre ou o Caminho no Meio da Pedra. Retirado a 5 de Abril, 2006, em http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_?asp?id=5295;

_____, SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (2002), *Museu e Políticas de Memória*, *Cadernos de Sociomuseologia*, nº 19: ULHT;

_____ (1996). Respostas de Hugues de Varine às Perguntas de Mário Chagas, *Cadernos de Sociomuseologia*, nº5: UHLT;

_____ (1994). *Cadernos de Sociomuseologia*, nº 2: UHLT;

CORDOVIL Maria Madalena (1993). Novos Museus, Novos Perfis, *Cadernos de Sociomuseologia nº1*: ULHT;

CRUZ, Maria Alfreda (1973). A Margem Sul do Estuário do Tejo – Factores e formas de organização do espaço;

Declaração de Caracas. Retirado a 28 de Novembro, 2005, em <http://mestrado-museologia/declaracoes.htm>;

Declaração de Québec. Retirado a 28 de Novembro, 2005, em <http://mestrado-museologia/declaracoes.htm>;

Declaração de Santiago do Chile. Retirado a 28 de Novembro, 2005, em <http://mestrado-museologia/declaracoes.htm>;

DIAS, Mário Balseiro (2001). *Economia Marítima da Aldeia Galega do Ribatejo*, Montijo: Edição do Autor;

FERNÁNDEZ, Luiz Alonso (1999). *Museologia y Museografia*: Ediciones del Serbal;

FIGUEIREDO, Silvério, SANTOS, Liliana (2006). *Caminhos Arqueológicos de Montijo: perspectivas da carta arqueológica do paleolítico ao romano*: Câmara Municipal de Montijo;

FREIRE, Paulo (2006). *A Conceção Problematizadora da Educação*. Retirado a 12 de Junho, 2006, em www.google.pt;

_____ (2000). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (15ª ed), São Paulo: Paz na Terra;

GRAÇA, Luís Maria Pedrosa dos Santos (2001). *Montijo – Imagens da Tradição Concelhia*: Elo Publicidades, Artes Gráficas, Lda.;

HETZER, Hildegard (1959). *Psicologia Pedagógica* (2ª edição), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;

JÚNIOR, José do Nascimento (2007). *Museus e Educação*. Retirado a 7 de Julho, 2007, em [http://: www.revistamuseu.com.br/artigos](http://www.revistamuseu.com.br/artigos);

LIRA, Sérgio (2005). *Museus e Instituição Universitária: um exemplo de cooperação*. Retirado a 17 de Julho, 2005, em [http://: www2.ufp.pt/~slira/artigos/museuinstituicaouniversitariaveiro](http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/museuinstituicaouniversitariaveiro) ;

LUCAS, Isabel (1997). *Subsídios para a História do Concelho de Montijo – Cronologia Geral*: Câmara Municipal de Montijo;

MARTINS, Adolfo Silveira (2006). A Arqueologia do Moinho, *Moinho de Maré do Cais das Faluas: O Renascer de uma Memória*, Coleção Estudos Locais: Edições Colibri / Câmara Municipal de Montijo;

MARTINS, Jorge A. Reis; MARTINS, Luís F. Reis; MARTINS, Hugo Machado (2005). *Dicionário de Molinologia Mafrense*, colecção Mafra de Bolso: Câmara Municipal de Mafra;

MENDONÇA, Rui de (1956). Vila de Montijo – Estudo Monográfico Social e Económico (fascículo I, II, III);

MINEIRO, Clara (2007). Mas as Peças Falam por Si? *in Museologia.pt*, nº1: Instituto dos Museus e da Conservação;

Ministério da Cultura (2003). *Política Nacional de Museus*, Brasil: o Autor;

Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*, Lisboa: o Autor;

MIRANDA, Jorge (2006). Etnologia e reconstrução dos engenhos, *Moinho de Maré do Cais das Faluas: O Renascer de uma Memória*, Coleção Estudos Locais: Edições Colibri / Câmara Municipal de Montijo;

MOUTINHO Mário (1993). Sobre o Conceito de Museologia Social, *Cadernos de Museologia*, nº1: UHLT;

_____ (1989). *Museus e Sociedade*, Cadernos de Património, nº5;

NABAIS, António (2007). Programação Museológica e Museográfica. Retirado a 2 de Maio, 2007, em <http://www.mestrado-museologia.net/textos>;

_____ ; CARVALHO, José (1993). O Discurso Expositivo, TRINDADE, Maria Beatriz Rocha (coord.) - *Iniciação à Museologia*, Lisboa: Universidade Aberta;

_____ (1986). História do Concelho do Seixal, património industrial, Moinhos de Maré: Câmara Municipal do Seixal;

PATTON, M. Q. (1986). Utilization-focused Evaluation: Sage;

PRIMO, Judite (2006). O Museólogo-Educador: frente aos desafios económicos e sociais da actualidade. Retirado a 4 de Janeiro, 2006, em www.mestrado-museologia.net/textos;

_____ (2000). Museus Locais e Ecomuseologia: Estudo do projecto para o Ecomuseu da Murtosa, Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura, Urbanismo e Artes da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, orientada por Mário Moutinho;

_____ (Org), (1999). *Museologia e Património: documentos fundamentais*, Cadernos de Sociomuseologia, nº15: ULHT;

RAMA, José de Sousa (2001). *Coisas da Nossa Terra*: Câmara Municipal de Montijo;

RIVIÈRE, George Henri (1993). *La Museologia – curso de museologia, textos e testemunhos*, Madrid: Ediciones Akal;

SANTOS, Maria Célia (Agosto 2001). Museu e Educação: conceitos e métodos, comunicação apresentada no Simpósio Internacional Museu e Educação: conceitos e métodos;

_____ (1996). Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário, Cadernos de Sociomuseologia, nº 7: UHLT;

_____ (s/d). *Reflexões museológicas: caminhos de vida*, Cadernos de Sociomuseologia, nº 18: ULHT;

SÉCIO, Micaela Casaca, SANTOS, Liliana, SILVA, Leonor, SILVESTRE, Eglantina, LANÇA, César (2006). *Montijo: entre a Terra e o Rio*: Câmara Municipal de Montijo;

SILVA, Susana Gomes da (2001). O valor educativo do museu; *in Educator Hoje – Enciclopédia dos Pais*, (Vol. IV) Amadora: Lexicultural – Actividades Culturais;

_____ (2001a). Museus, Cultura e Sociedade: novos desafios, novas relações *in Educator Hoje – Enciclopédia dos Pais*, (Vol. IV) Amadora Lexicultural – Actividades Culturais;

SILVA, Luís (2004). Moinhos e Moleiros no Alentejo Oriental: uma perspectiva etnográfica *in Etnográfica*, (Vol. VIII, nº2);

VARINE, Hugues de (2004). Património e Educação Popular *in Aprender ao Longo da Vida – Reinventar os Museus- um espaço de aprendizagem*, nº2: Associação “O Direito de Aprender”;

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto e outros (1983). *Sistemas de Moagem – tecnologia tradicional Portuguesa*: Instituto Nacional de Investigação Científica;

VILELA, José Luís (Março 1991). O correio em Portugal através dos tempos *in Revista História* (ano XIII, nº 138);

Bibliografia de Referência:

ALMEIDA, Fernando-António (2004). *Montijo – Roteiro do Concelho*: Câmara Municipal de Montijo;

AUDEBERT, Ana Cristina (2006). O Museu da Loucura traz a redenção do sofrimento e da exclusão. Retirado a 5 de Abril, 2006, em http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1898;

AZEVEDO, Rosa Bela Gomes de (coord.) (2001). *Montijo e o Rio – cem anos de uma relação*: Câmara Municipal de Montijo;

BALDRICO, Joaquim (2002). *Montijo/Aldeia Galega – Memória Fotográfica*: Cygnuscolor Desing, lda.;

BARBOSA, Ana Mae (2007). Museus como Laboratórios. Retirado a 5 de Julho, 2007, em <http://www.revsitamuseu.com.br/artigos>;

BIROU, Alan (1988). *Dicionário de Ciências Sociais*: Círculo de Leitores;

BRUNO, Cristina (Setembro 2004). *Generosidade e Acessibilidade: a contribuição da metodologia museológica na construção da noção de pertencimento*, comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, X Atelier Internacional do MINOM, Rio de Janeiro, Brasil;

_____ (Outubro 2002). *Entre a Museologia e a Museografia: propostas, problemas e tensões*, comunicação apresentada no Seminário Internacional, História Representada: o dilema dos Museus, Rio de Janeiro, Brasil;

Cadernos de Museologia nº 5 (1996): ISMAG/ULHT;

CAMACHO, Clara (2004). Museus Educação de Adultos em Portugal: Tendências e Práticas *in* *Aprender ao Longo da Vida – Reinventar os Museus- um espaço de aprendizagem*, nº2: Associação “O Direito de Aprender”;

Câmara Municipal de Montijo (1990). *Caracterização Geográfica e sócio-económica*, concelho de Montijo: o Autor

CARRENO, Francisco Javier Zubiaur (2004). *Curso de Museologia*, Espanha: Ediciones Trea, S.L;

CHAGAS, Mário (2006) *Museus, Literatura e emoção de Lidar*. Retirado a 24 de Abril, 2006, em <http://www.revistamuseu.com.br/artigos>;

_____ (org.), ABREU, Regina (2003). *Memória e Património, ensaios contemporâneos*, Rio de Janeiro: DPEA Editora;

CORTESÃO, Luísa; NUNES, Rosa Soares (2004). Paulo Freire: A Educação como acesso à cidadania e à dignidade *in* *Aprender ao Longo da Vida – Reinventar os Museus- um espaço de aprendizagem*, nº2: Associação “O Direito de Aprender”;

DAVID, Solange, RODRIGUES, Isabel (2006). *Identidade, memória e património – uma construção colectiva com os moradores das vilas rurais Paraná*. Retirado a 24 de Abril, 2006, em <http://www.revistamuseu.com.br/artigos>;

Departamento de Cultura de la Generalitat de Caytalunya, (1982). *Sistema de Documentación para Museos*, Barcelona: ICOM;

DIAS, Mário Balseiro (2000). *Documentos Medievais de Aldeia Galega do Ribatejo (1235 – 1470)*, Montijo: Edição do Autor;

DURAND, Jean-Yves (2007). *Patrimónios / patrimônios*. Retirado a 4 de Julho, 2007, em www.google.pt;

Ecomuseu do Seixal, *Ecomuseu Informação* (2003), nº29: o Autor;

FALK, Jonh H.; DIERKING, Lynn D. (1995) *Public Institutins for Personal Learning – Establishing a Research Agenda*: American Association of Museums, technical information service;

FERNANDES, Isabel Maria (2003). Museu: tornar visível o invisível in *Lugar em Aberto* (nº1, 1ª série): Associação Portuguesa de Museus;

FILIPE, Graça (2006). *O Museu, como instrumento de comunicação: Experiência no Seixal*, comunicação apresentada no 1º Encontro de Arqueologia e História Regional na Península de Setúbal: Educação, património e autarquias. Retirado a 2 de Julho, 2006, em www.google.pt;

_____ (2002). Educação em Museus – alguns tópicos sobre a programação dos serviços e a formação de profissionais, comunicação apresentada em Ver, Rever – Museus Educação, Museu Nacional de Arte Antiga;

FREIRE, Paulo (2006). Educação como Prática de Liberdade. Retirado a 12 de Junho, 2006, em www.google.pt;

GIL, Luís (2005). *Cortiça – da produção à aplicação*: Câmara Municipal de Seixal;

GONÇALVES, José Reginaldo (2006). O Património como categoria do pensamento. Retirado a 24 de Abril, 2006, em <http://www.revistamuseu.com.br/artigos>;

GOUVEIA, Henrique Coutinho ; CARVALHO, Margarida Chorão de (s/d). *A Musealização de sítios na área da Etnologia*;

GUILLAUME, Marc (2003). *A Política do Património*, Campo de Letras, Porto: Editores SA;

HOOPER-GREENHILL, Eilean (1999). *The Educational Role of the Museum*, London: Routledge;

KOVACS (2006). Book review of 'Learning From Museums: visitor experiences and the making of meaning' by John H. Falk and Lynn D. Dierking. Retirado a 2 de Julho, 2006, em www.google.pt;

LANDEIRO, José Manuel (1992). *No Rolar dos Anos as Festas de São Pedro*: Edição da Direcção do Orfanato de Montijo;

LORD, Barry; LORD, Gail Dexter (1998). *Manual de Gestión de Museos*, Barcelona: Editorial Ariel, SA;

LUCAS, António José Calado; GONÇALVES, Arnaldo Manuel; PIRES, Porfírio Alves (1985). *Moinhos de Maré do Concelho – Síntese informativa sobre o património existente*;

MADDOX, Conroy (1990). *Salvador Dali (1904-1989) – O Génio e o Excêntrico*, Berlim: Benedikt Taschen;

MARTINS, Rui de Sousa (1992). Etnomuseologia no Arquipélago dos Açores in *Património e Museus Locais* (nº 1/2- II Série);

MATTOS, Yara (2006). Os Museus e seus Amigos. Retirado a 5 de Abril, 2006, em http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1828;

MEDEIROS, Laércia (2006). Paulo Freire: Construtor de uma Educação Transformadora. Retirado a 2 de Julho, 2006, em www.google.pt;

MENDES, Carlos Alberto Santos (2005). Macedo de Cavaleiros: cultura, património e turismo contributos para um programa integrado: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros;

Moinhos de Maré do Seixal (s/d): relatório;

MOREIRA, Maria Raquel; SALVADOR, Fernando Sanchez (s/d). *O Moinho de Maré do Cais das Faluas*: relatório;

MOUTINHO, Mário (2004) – “Os Compromissos dos Museus com a Sociedade” in *MUSA museus, arqueologia & outros patrimónios*, nº1, Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal;

_____ (1996). *Museologia Informal: Boletim APOM* (IIª Série, nº 3);

_____ (1994). *A Construção do Objecto Museológico*, *Cadernos de Museologia*, nº4: UHLT

Museums and Galleries Comission (2001). *Museologia – Roteiros Práticos 2 – Planejamento de Exposições*, Brasil: USP;

Museums and Galleries Commission, (2001a). *Roteiros Práticos – Educação em Museus*, Brasil: USP;

NABAIS, António (1999). *A Arqueologia e os Museus Locais/Regionais in O Arqueólogo Português* (Série IV – Vol. 17): Museu Nacional de Arqueologia;

NOGUEIRA, Sandra (2003). *A cultura material no processo educativo: museus, objectos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocações de memórias in PASOS* (Vol. I, nº1): *Revista de Turismo y Património Cultural*;

Departamento do Ensino Secundário, Ministério da Educação (s/d). *O Património Local e Regional – Subsídios para um trabalho transdisciplinar*: O Autor;

PEROTTI, António (1997). *Apologia do Intercultural*: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação;

RAPOSO, Luís (dir.) (2005). *Carta Arqueológica do Montijo: do Paleolítico ao Romano*, Coleção Estudos Locais: Edições Colibri e Câmara Municipal de Montijo;

RIBEIRO, Maria (2004). Museu Serralves: Estimular a Criatividade *in* *Aprender ao Longo da Vida – Reinventar os Museus- um espaço de aprendizagem*, nº2: Associação “O Direito de Aprender”;

SALVADOR, Fernando Sanchez; NUNES, Margarida Maria Grácio (1995). *Restauro e Musealização do Moinho de Maré do Cais das Faluas*: relatório;

SANTOS, Maria Célia (2006). O Papel Social dos Museus e Centros de Ciências na Formação dos Excluídos da Ciência e Tecnologia. Retirado a 2 de Julho, 2006, em www.google.pt;

_____ (Novembro 2000). *Museu e Comunidade: uma relação necessária*, comunicação apresentada na 13ª Reunião Anual do Instituto Biológico, São Paulo;

SOARES, Joaquina (1999). Museus de Território na era da globalização *in* *O Arqueólogo Português* (Série IV – Vol. 17): Museu Nacional de Arqueologia;

TOJAL, Amanda Fonseca (Fevereiro 2006). *Inclusão Social de Públicos Especiais em Museus e Instituições Culturais*, comunicação apresentada no Encontro de Serviços Educativos de Museus, Seixal;

TORRES, Alcídio (2000). Profissões Tradicionais em Montijo – da Extinção à Modernidade: Câmara Municipal de Montijo;

_____ ; AZEVEDO, Rosa Bela; LEAL, Armando (2003). *Montijo, Aldeia Galega – cem anos de História Municipal*: Âncora Editora;

VARINE, Hugues de (1991). *L’initiative Communautaire – recherche et expérimentation*, Collection Museologia, Lyon : Diffusion Presses Universitaires de Lyon;

WARNIER, Jean-Pierre (2002). *A Mundialização da Cultura* (2ª ed.) Lisboa: notícias editorial;

ZACHARIAS, Vera Lúcia (2006). O Método Paulo Freire. Retirado a 2 de Julho, 2006, em www.google.pt;

Fontes:

Legislação:

Despacho conjunto nº 834/2005 de 4 de Novembro;

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto;

Regulamento de Organização dos Serviços Municipais da Câmara Municipal de Montijo – Diário da República – II Série, nº258 de 8 de Novembro de 1994;

Sites:

www.google.pt

www.icom.com

www.iphan.gov.br

www.ipmuseus.pt

www.mestrado-museologia.net

www.minom.icom.org

www.mun-montijo.pt

www.revistamuseu.com.br

Créditos Fotográficos:

Arquivo Municipal de Montijo;

Carlos Rosa;

Ecomuseu do Seixal;

Família de Manuel Augusto Zacarias;

Gabinete de Informação Geográfica de Montijo;



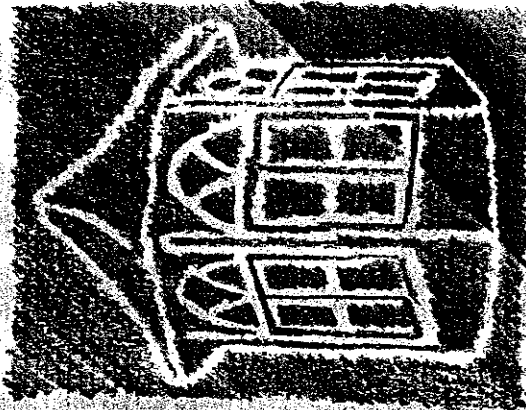
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTIJO

HORÁRIO

Terça a Sexta-Feira
10H00 - 12H00 e 14H00 - 17H00
Sábados e Domingos
14H00 - 18H00

Encerrado aos feriados

Avenida dos Pescadores, n.º 52
2870 Montijo



MUSEU
Municipal

CASA MORA

Núcleos de História Local e Arte

Museu Municipal de Montijo

Exposição Permanente

Núcleos de História Local e Arte

A abertura do Museu Municipal em Montijo consubstancia um sonho dos montijenses, acalentado há vários anos e que por diversas razões apenas agora é possível concretizar.

A Câmara Municipal de Montijo como tidima representante desta laboriosa população e interpretando a sua vontade, decidiu encetar todo um trabalho de recolha documental e estudo da vida local desde as origens desta localidade até à Época Contemporânea.

No Museu Municipal ficam assim salvaguardadas inúmeras peças museológicas que ilustram a vivência cultural, sócio-económica e religiosa de várias gerações que nos antecederam.

Obviamente que o espólio ora exposto é apenas uma parte dessa riqueza patrimonial dada a exiguidade do espaço disponível e a impossibilidade de ali reunir a imensa memória colectiva guardada por cada um de nós.

O Museu Municipal para além da amostragem histórica dum terra e de um povo, é simultaneamente uma peça didáctica onde a aprendizagem quotidiana nos enlaça num rememorar do histórico passado, num viver do presente constituindo o futuro.

No Museu Municipal de Montijo, jovens e adultos vão aprender a história da sua cidade, redescobri-la, para cada vez mais a amarem numa permanente lição de Arte e Saber.

A Presidente da Câmara

Yacinte Ricardo

BREVE RESENHA HISTÓRICA

O Museu Municipal de Montijo foi instalado num belo edifício romântico construído em 1875, para residência da família Mora.

Após ter sido adquirido pela Câmara Municipal de Montijo, foi adaptado a Biblioteca Municipal (esta, composta inicialmente pelo legado de Manuel Giraldes da Silva, funcionou neste edifício de 1985 a 1993, tendo passado para a antiga Casa dos Magistrados).

Novas obras de adaptação permitiram instalar nele o primeiro núcleo do Museu Municipal.

OBJECTIVOS

Situado na zona histórica da Cidade, o Museu Municipal foi concebido de forma a, por um lado, valorizar a belíssima residência de finais do século XIX que pertenceu à família Mora, e por outro criar um espaço de exposição e divulgação do património cultural do Concelho com colecções que abrangem diversos aspectos da História Local, desde o Paleolítico até à actualidade.

O Museu Municipal de Montijo deverá ser capaz de motivar e criar hábitos culturais não só nos alunos das escolas, mas também em todos aqueles que o visitarem.

PERCURSOS

A Exposição Permanente integra objectos que a Câmara já possuía, tendo outros sido adquiridos e recolhidos, especialmente para este fim.

Convém salientar que houve também doações e empréstimos de algumas peças.

RÉS-DO-CHÃO

O visitante é convidado a fazer um percurso cronológico através de alguns marcos da história do Concelho, distribuídos por três núcleos:

I – Pretende-se ilustrar a história do Concelho através de materiais arqueológicos (dos Períodos Paleolítico, Neolítico, Romano e Medieval) fotografias, mapas, textos, azulejos e um foral manuelino.

II – Com o objectivo genérico de realçar a importância da localização geográfica de Aldeia Galega, este núcleo apresenta diversos textos, mapas, fotografias, manuscritos, referências a estalagens e hóteis e um marco de lúgua proveniente da estrada real (entre Aldeia Galega e Vendas Novas).

III – Como introdução a este núcleo, podem observar-se alguns documentos, livros, objectos da Câmara Municipal e estandartes do município, assim como a referência à mudança de nome de Aldeia Galega para Montijo.

Por último pretende-se dar uma visão global sobre o Montijo Contemporâneo, a sua evolução urbana e principais actividades, através de textos, fotografias, e máquinas de indústria corticeira e máquinas de transformação de carnes, assim como, referências à religiosidade popular e a alguns vultos ilustres.

1.º ANDAR

O primeiro andar foi reservado à exposição de pintura e escultura contemporânea com destaque para as obras premiadas dos Jogos Florais e dos Prémios de Artes Visuais (Pintura) que se realizam em Montijo, assim como um conjunto de obras doadas pelo pintor Vespereira, patrono de algumas das realizações citadas.

No primeiro andar do Museu pode ainda apreciar-se uma breve referência à Memória da Casa e da Família Mora.

Ficha Técnica

Edição:

Div. Educação e Cultura – Gabinete do Museu Municipal

Apoio Gráfico:

Div. Informação e Turismo – Gabinete de Artes Gráficas

Execução Gráfica:

Armazém de Papéis do Sado, Lda – Setúbal

2500 exemplares

Novembro, 1993

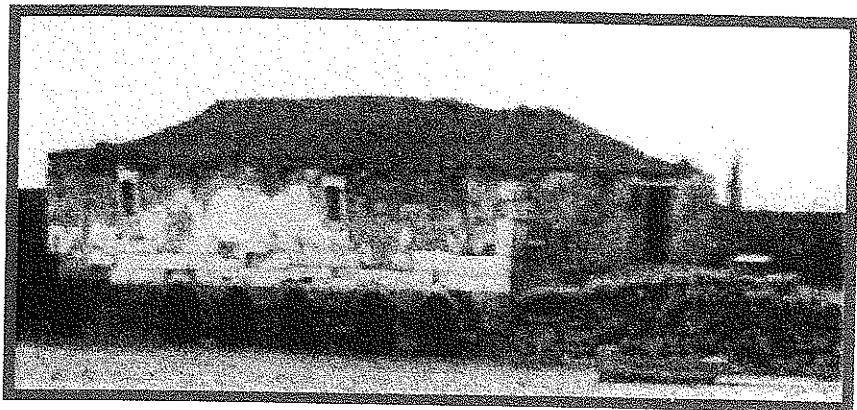
ANEXO 2

Brochura do Moinho do Cais

MOINHO DO CAIS

2005

MEMÓRIA

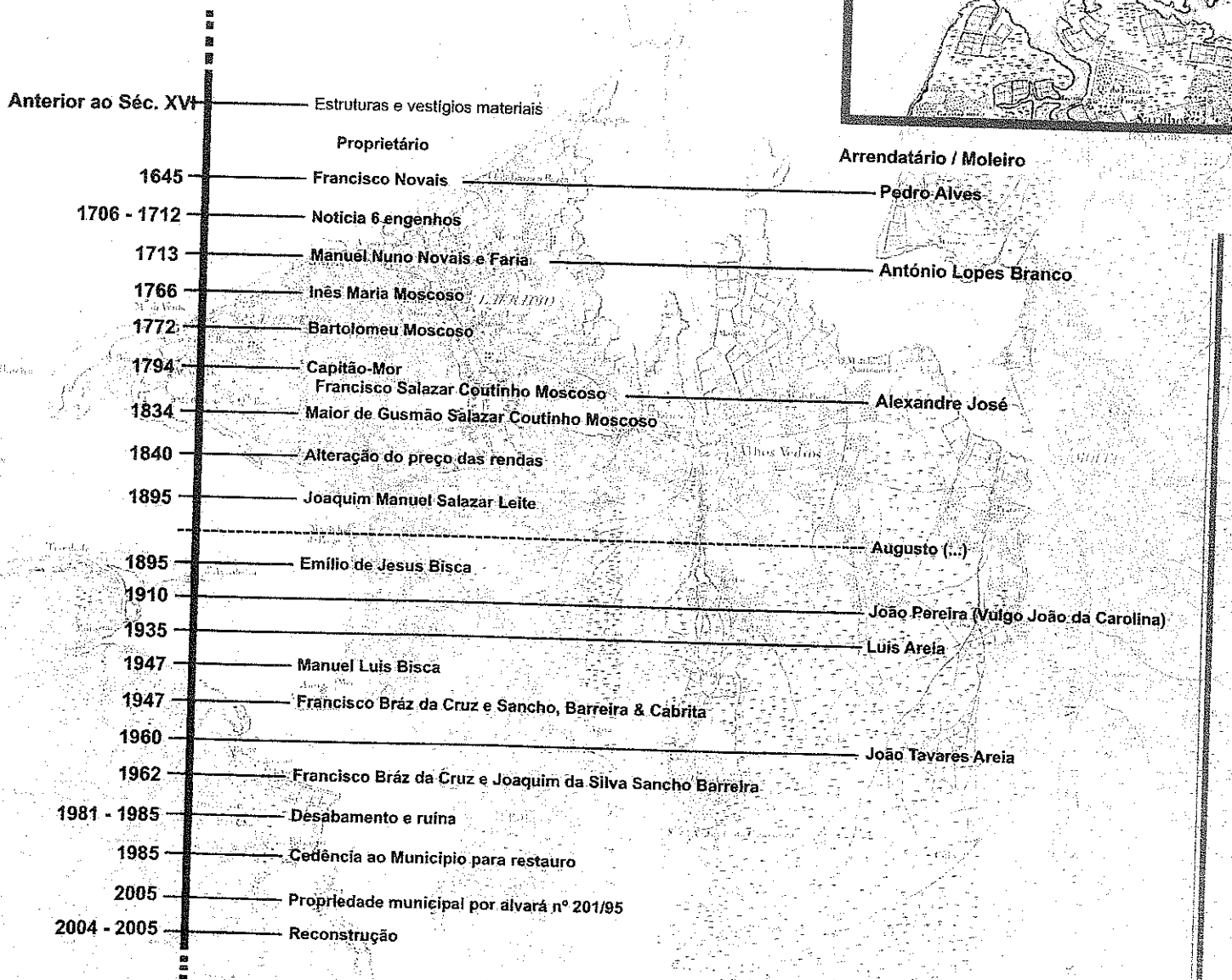
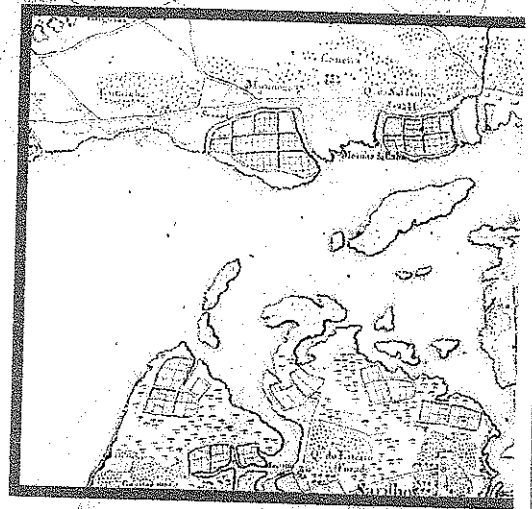
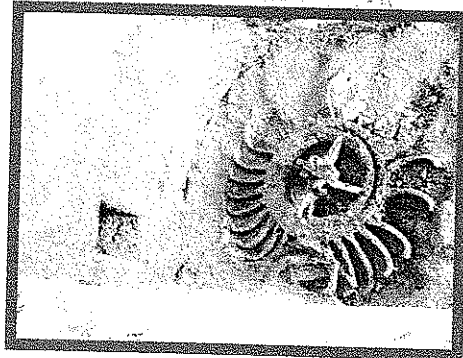


No lintel da porta, as Armas de Santiago são testemunho da posse territorial e da edificação do moinho pela Ordem Militar de Santiago, todavia o documento mais antigo que conhecemos data de 1645. É um arrendamento entre moradores na Vila de Aldeia Galega. O moleiro Pedro Alves contratou por um ano e pela renda quinzenal de treze alqueires de trigo da terra, o Moinho do Cais a Francisco de Novais, seu proprietário. Na primeira edição da Chorografia (...) do Reyno de Portugal que data de 1706-1712, o Padre António Carvalho da Costa refere-se a " (...) hum bom moinho de ceis engenhos". Em 1713, pertenceu a Manuel Nuno Novais e Faria que arrendou ao moleiro António Lopes Branco com a obrigação de o conservar e executar de obras necessárias. Entre 1766 e 1895, pertenceu à família Salazar Moscoso. Inicialmente de Inês Maria que o transmitiu em 1772 a Bartolomeu e mais tarde em 1794, já pertencia ao capitão-mor Francisco Salazar Moscoso que o arrendou ao moleiro Alexandre José também com a condição de realizar obras. No ano de 1834, passou à posse da filha, Maior de Gusmão Salazar Coutinho de Moscoso que em 1840 num processo de arrendamento se lamentava aos " (...) illustrissimos administradores tenham conhecido pella experiência de muitos annos que não podem contar com hum rendimentos certo do ditto moinho já pela despezas de obras que traz consigo já pela alteração do preço das rendas (...)". Em 1895, Joaquim Manuel Salazar Leite, sobrinho de Maior, vendeu o moinho a Emílio de Jesus Bisca. Os últimos registos da propriedade do moinho, referem que Francisco Bráz da Cruz e Sancho, Barreira & Cabrita o compraram a Manuel Luis Bisca pelo preço de 275.000\$00, em 1947. Foi Francisco Bráz da Cruz e Joaquim Silva Sancho Barreira que autorizaram a cedência do moinho à Câmara Municipal de Montijo para restauro. Há pouco mais de duas décadas mostrava sinais visíveis de degradação, ruína do telhado e desabamento de paredes.

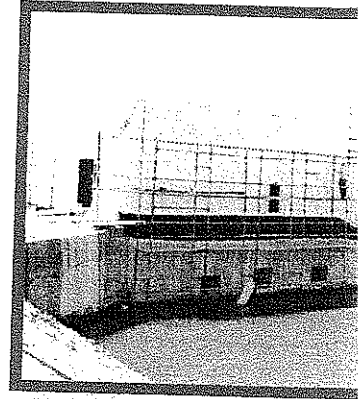
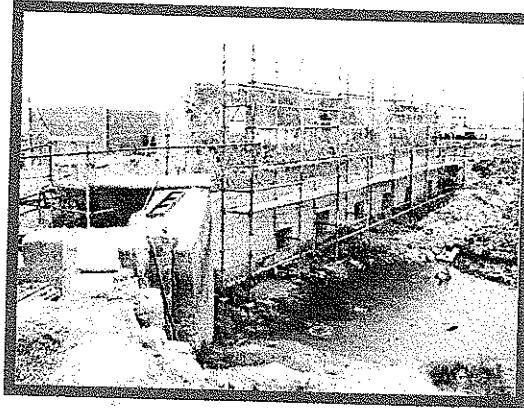
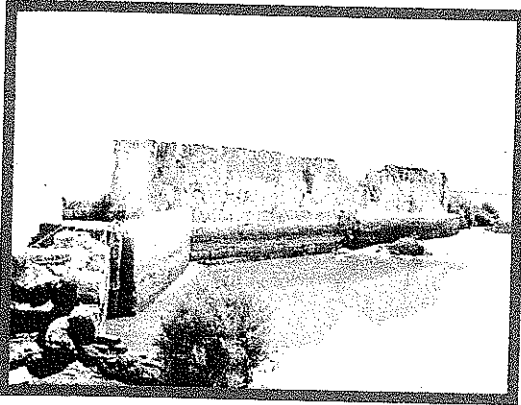


O Moinho do Cais é hoje um edifício que demonstra a vontade de fazer reviver e perpetuar os vestígios de um passado local e nacional. Em Fevereiro de 2004, já iniciadas as obras preliminares de recuperação, juntou-se uma equipa de arqueólogos do Centro de Estudos do Mar da Universidade Autónoma de Lisboa que promovendo a confluência de informação entre fontes documentais preservadas no Arquivo Municipal e dados adquiridos a partir de vestígios materiais, analisaram e interpretaram a complexa informação, com o objectivo de reconstituir a história do moinho e das suas gentes. Hoje, fruto do entusiasmo, do estudo, concretização e empenho da autarquia e de equipas pluridisciplinares renasce solidificando o elo de várias gerações.

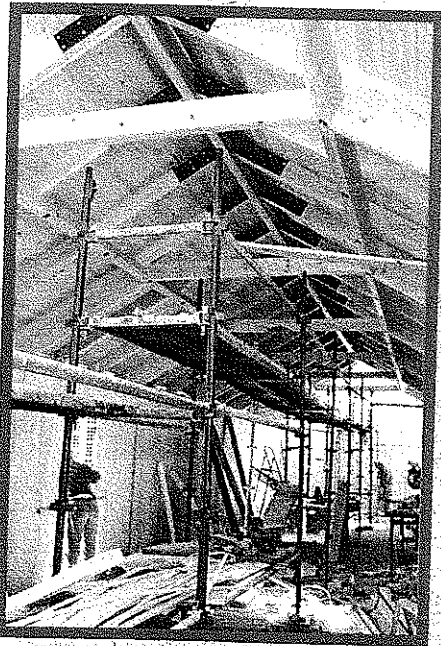
Os diferentes tipos de moinhos são, em cada tempo e em cada lugar, a resultante do Saber Fazer tradicional, das fontes de energia disponíveis, da sua quantidade e regularidade, da produção e importação cerealífera da procura de produtos moageiros e do acesso a matérias primas e mercados de consumo. No Município de Montijo foram identificados três tipos de moinhos tradicionais, que materializam as diferentes formas de aproveitamento da energia disponível (vento, marés e cursos de água) e a capacidade de realização do fundo tecnológico tradicional que, em cada tempo, as gentes ribeirinhas souberam colocar ao seu serviço.



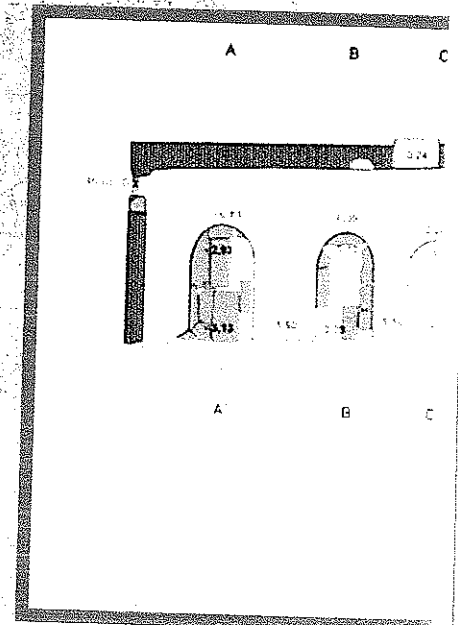
RECONSTRUÇÃO



O Edifício do Moinho sofreu inúmeras alterações ao longo da sua história, quando deixou de laborar, após vários anos de deterioração progressiva, ruiu no início dos anos 80, pela acção da erosão das marés. A área de implantação das ruínas era de cerca de 135 m², sendo a orientação do corpo do moinho no sentido Sudoeste, com fachada principal para o rio Tejo e o tardo para a cardeira.



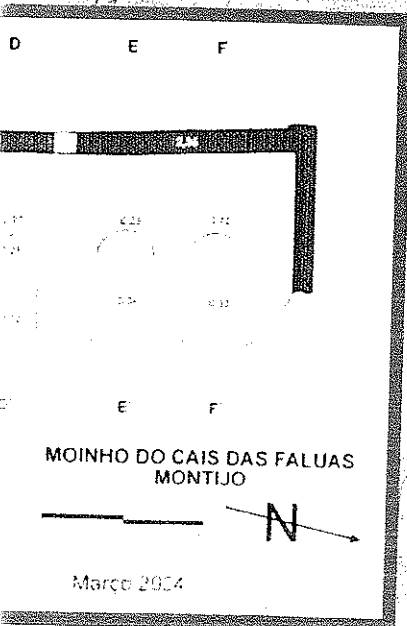
O Moinho do Cais é o único exemplar conhecido de moinho de maré do estuário do Tejo que se manteve com mecanismos primitivos. Este moinho resistiu às adaptações industrializantes que se sucederam de forma maciça, na segunda metade do século XIX, e generalizaram a transmissão por meio de rodas dentadas metálicas. A memória de quem trabalhou e foi cliente do moinho, confirmou que os rodízios tocavam directamente as mós, à semelhança dos arcaicos moinhos de rodízio que enchem as nossas províncias, o que atribui a este moinho um carácter raro e distinto face aos demais. O objectivo principal da intervenção realizada pela Câmara Municipal de Montijo, entre o ano de 2004 e o de 2005, foi reconstruir o edifício respeitando, sempre que possível, a sua tipologia, funcionalidade e memória, no sentido de deixar às gerações futuras o legado dos nossos antepassados.



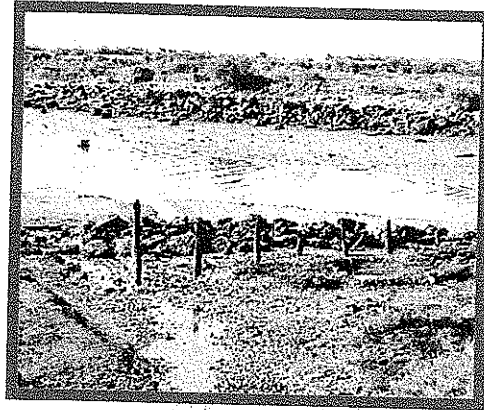


O projecto de reconstrução, desenvolvido após a passagem do edifício para a propriedade municipal, possibilitou uma reabilitação estrutural das fundações com recurso à técnica de microestacas, com uma profundidade média de 8 m. A técnica de injeção de caldas cimentícias hidrófugas de secagem rápida foi utilizada no preenchimento dos inúmeros vazios identificados no piso submerso pelas marés.

Na reconstrução da estrutura arquitectónica foram recuperadas e recolocadas a maioria das cantarias originais, como é exemplo a verga da entrada principal com a sua valiosa e imemorial Cruz de Santiago. A construção dos novos elementos hidráulicos e de moagem, seguiram a mesma filosofia de preservação fiel da memória e história do Moinho de Maré do Cais. A reabilitação da estrutura hidráulica do moinho permitiu criar condições físicas para actividade moageira, em moldes idênticos aos primitivos.



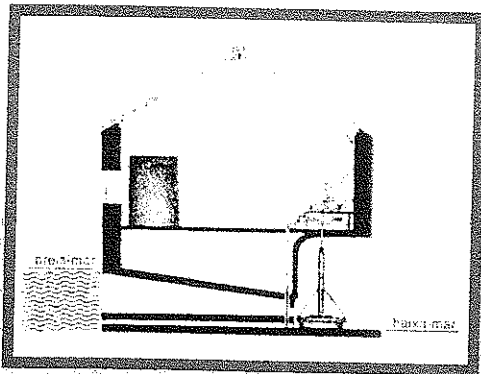
ENERGIA / TECNO



O Moinho do Cais recorre a uma fonte de energia renovável, a energia das marés.

As energias renováveis oferecem a possibilidade de recursos energéticos sustentáveis sem quaisquer danos ambientais.

As marés constituem uma fonte de energia limpa e inesgotável, sem interferências climatéricas ou emissão de gases com efeito de estufa.



A energia das marés têm sido aproveitada por muitas gerações, principalmente na moagem de cereais. Embora existam tecnologias modernas que permitem a produção de energia eléctrica, recorrendo a turbinas hidráulicas, são poucos os exemplos actuais de utilização da energia das marés. Mas, esta fonte de energia poderá vir a ser especialmente popular nos próximos séculos.

FUNCIONAMENTO DO MOINHO DO CAIS

Quando a maré sobe, entra pelas comportas na caldeira (do moinho), e enche-a como se o moinho ali não estivesse. A caldeira fica cheia na preia-mar.

O moinho não pode laborar nesta fase por duas razões: primeiro, a maré submerge os dois lados impedindo qualquer fluxo de água, e segundo o rodízio encontra-se debaixo de água, sendo prejudicado qualquer movimento giratório.

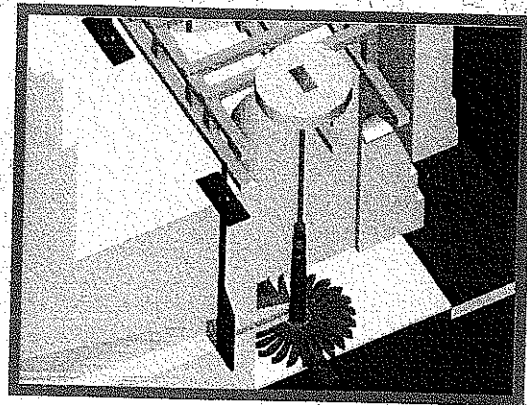
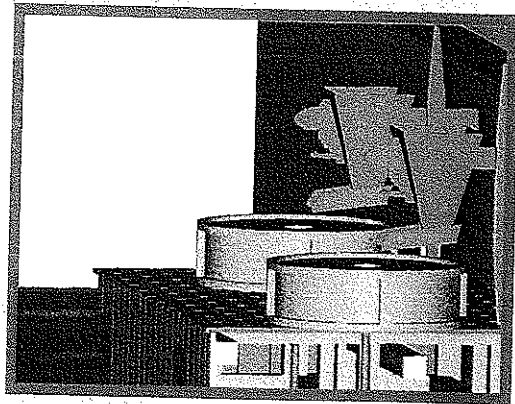
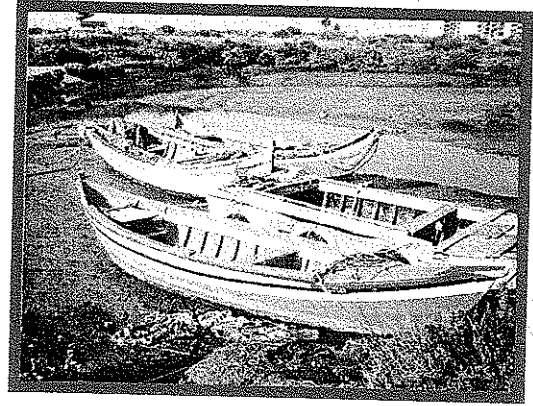
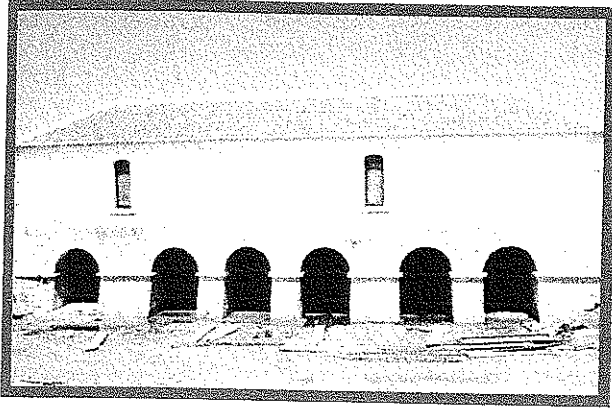
Quando a maré começa a descer, as comportas da caldeira são fechadas, mantendo o nível da água atingido na maré alta (o qual é variável de dia para dia). A amplitude das marés no estuário do Tejo oscila entre 1,25 m e 4,25 m.

O funcionamento do moinho inicia-se quando a maré diminui a um ponto abaixo do rodízio (motor do moinho). Quando isto acontece, o pejadouro é ligeiramente aliviado, e o jacto de água proveniente da caldeira atravessa o edifício e atinge as penas do rodízio, fazendo-o girar.

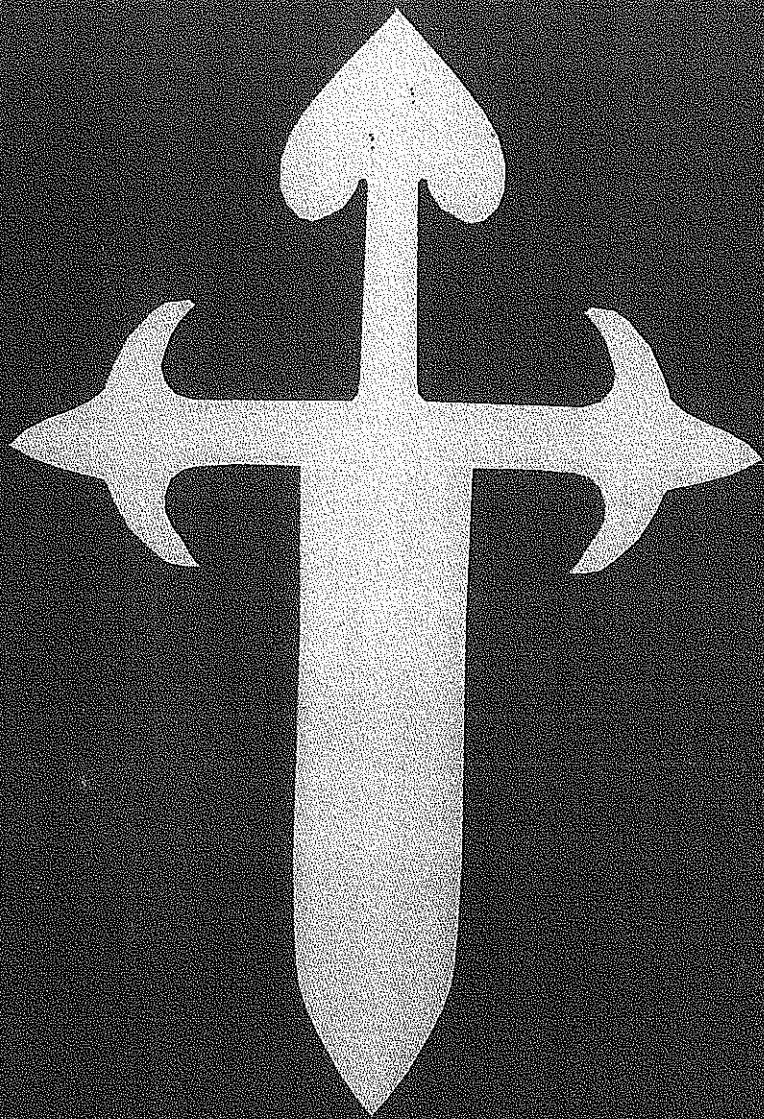
A laboração decorre durante o período de baixa-mar, até que a subida da maré alcança novamente a base do rodízio e começa a interferir com o seu movimento, contrariando a rotação.

Todo o processo de laboração é iniciado a cada ciclo de marés.

LOGIA



A acção das marés enche a caldeira do moinho, criando uma diferença de altura de água entre o interior e o exterior - Energia Potencial Gravitacional. Esta energia é capaz de realizar uma determinada força, que pode ser aproveitada por meio de engenhos hidráulicos adequados para produzir trabalho.



SANTIAGO



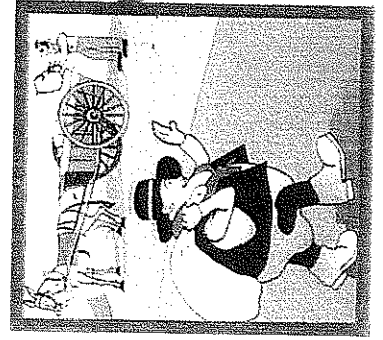
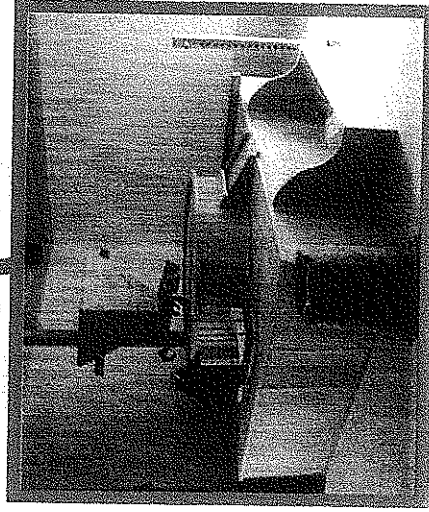
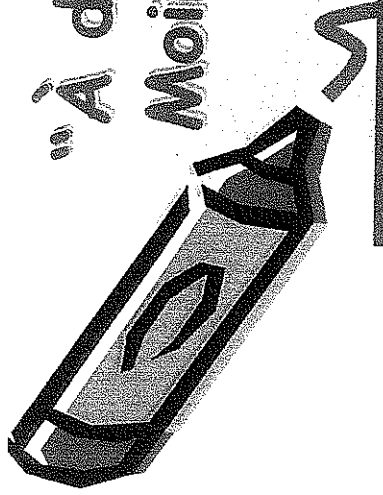
ANEXO 3

Fichas didácticas

FICHA TEMÁTICA

DOS 6 AOS 10 ANOS DE IDADE

"À descoberta do
Moinho do Cais"



GRÁFICA C.M.M. 2005

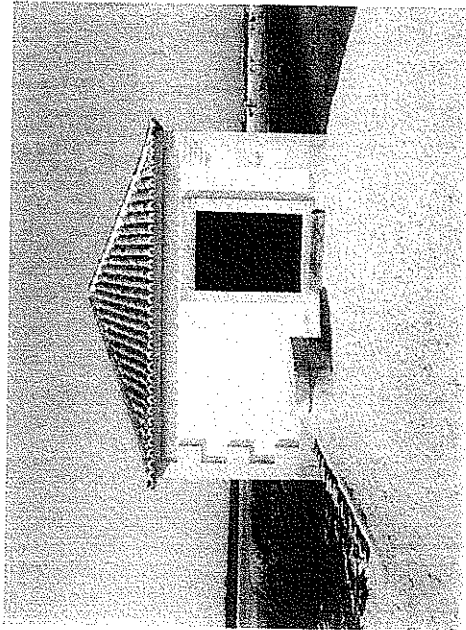


ome:

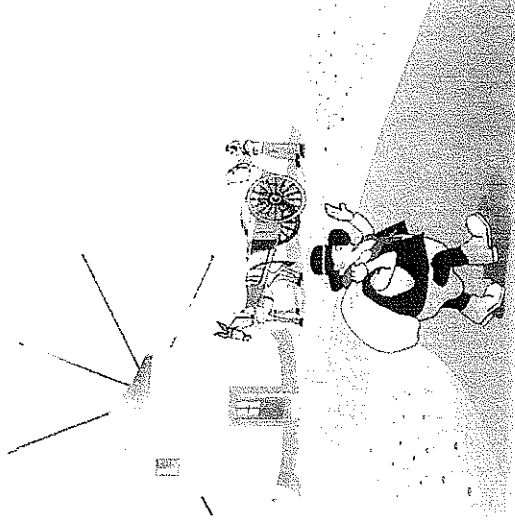
idade: _____ anos

Assinala com um círculo, o meio de transporte utilizado para levar o cereal para o Moinho.

Identifica o nome deste Moinho de Maré.



Indica o recurso da Natureza que é utilizado neste Moinho.



- Camião
- Camião
- Carruagem
- Moinho
- Moinho
- Moinho

Como se semeava o cereal?

Como ajudava o Agricultor no seu trabalho...

Associa números de 1 a 6 nas imagens.

Vamos completar...

Preenche os nomes nos sítios correctos.

Trator
Molha
Carrilhão
Molha

Carrilhão
Molha
Molha
Molha



1. CEFAR

2. MONDAR

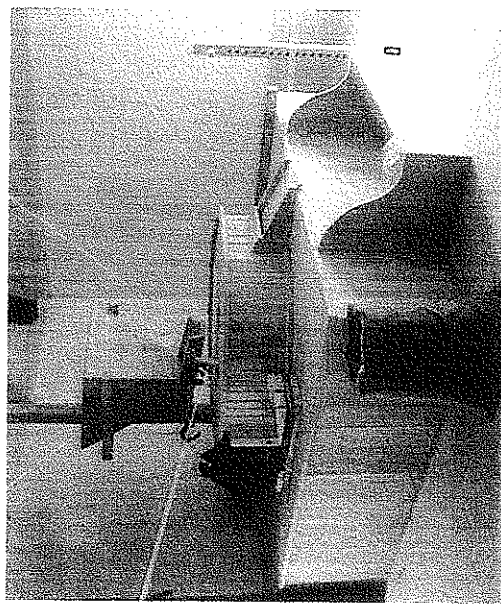
3. DEBULHAR



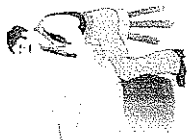
5. LAVRAR

6. GRADAR

SEMEAR



que é que o Moleiro faz?
pinta um CÍRCULO nas suas tarefas.



Desenha o Moinho.

Gostaste da visita?

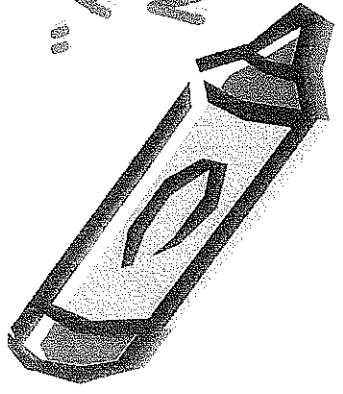
SIM

NÃO

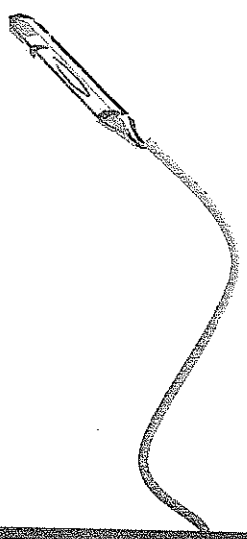
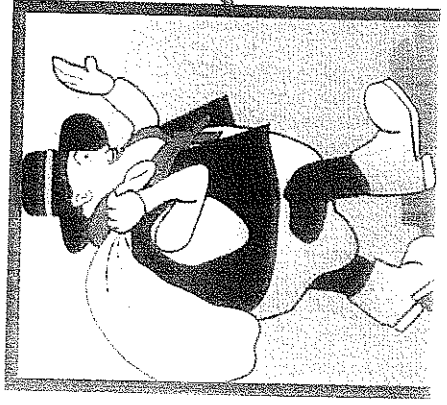
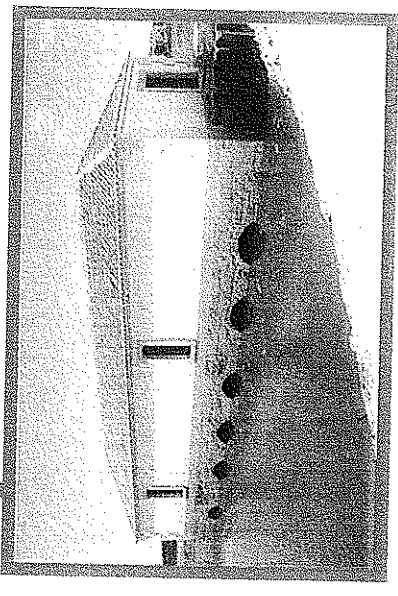
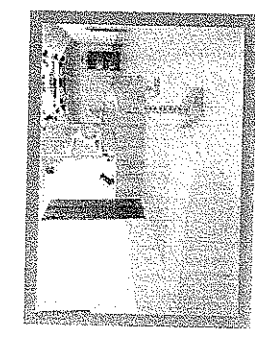


FICHA TEMÁTICA

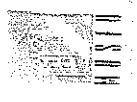
DOS 10 AOS 14 ANOS DE IDADE



"À descoberta do Moinho do Cais"



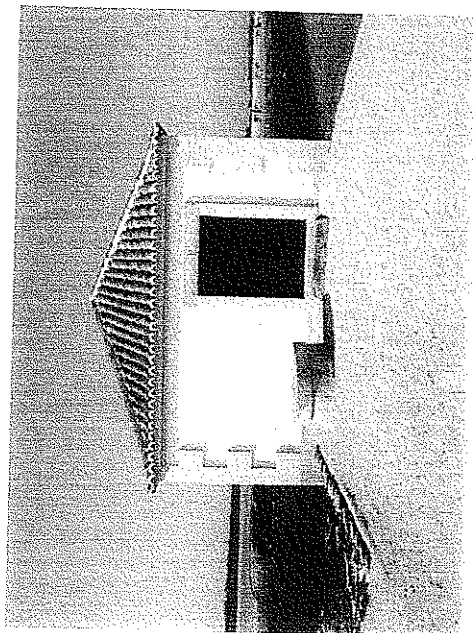
GRÁFICA C.M.M. 2005



Nome: _____

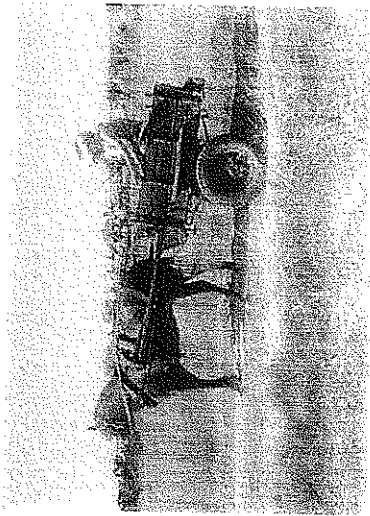
Idade: _____ anos

Identifica o nome deste Moinho de Maré.



Indica o recurso da Natureza que é utilizado neste Moinho.

Assinala o meio de transporte que era utilizado para transportar o cereal.



Cavalo
 Camião
 Tractor
 Muleta

Eu sou a pessoa que trata do moinho...

Uma profissão muito antiga... Indica a minha profissão.

Agricultor
 Médico
 Professor



Assinale os produtos que eram utilizados para serem transformados em farinha.

Desenha o Moínho.

Indica a ordem Religiosa/Militar que mandou edificar este Moínho.



Gostaste da visita?

ANEXO 4

Revista Municipal edição de Abril de 2006

Montijo

REVISTA DA CÂMARA MUNICIPAL DO MONTIJO - Abril 2006

12

1976-2006

Constituição da República Portuguesa

Paulo Vintém

“Sinto-me bem no Montijo”

O “Topé” de Morangos com Açúcar falou à Revista Montijo sobre a cidade, a banda, a novela, o sucesso repentino e os projectos para o futuro. Pág. 29

Museu Municipal de Montijo

Local de memórias

Brevemente, o edifício da Casa Mora vai reabrir as portas, com a exposição "Montijo: entre a terra e o rio".

A exposição promove o conhecimento de alguns aspectos da história de Montijo. O percurso expositivo está orientado para as actividades sociais e económicas do concelho.

Na primeira sala, denominada "As origens", os visitantes têm contacto com os vestígios arqueológicos encontrados no concelho. O espólio do Museu Municipal inclui peças dos períodos paleolítico, neolítico e romano, bem como artefactos das escavações efectuadas no Moinho do Cais.

"O homem e o rio" é o tema da segunda sala, onde as profissões ligadas ao rio, como o salineiro ou o moleiro, a construção naval e a pesca estão em destaque.

Para finalizar, a terceira e quarta salas são dedicadas à "Indústria e aos meios de transporte", com a representação das indústrias corticeira e da transformação de carne. Há, também, uma apresentação dos meios de transporte que utilizavam o rio e, posteriormente, os caminhos-de-ferro, para transportarem mercadorias.

O Museu Municipal de Montijo possui quatro unidades museológicas: Casa Mora, Quinta Nova da Atalaia, Moinho do Esteval e Moinho do Cais.

Através da articulação entre os patrimónios etnográfico, histórico, edificado e natural, o Museu devolve o passado à população, revitaliza memórias, incentiva as gerações mais novas a conhecerem a cultura local e reforça a identidade da comunidade montijense.

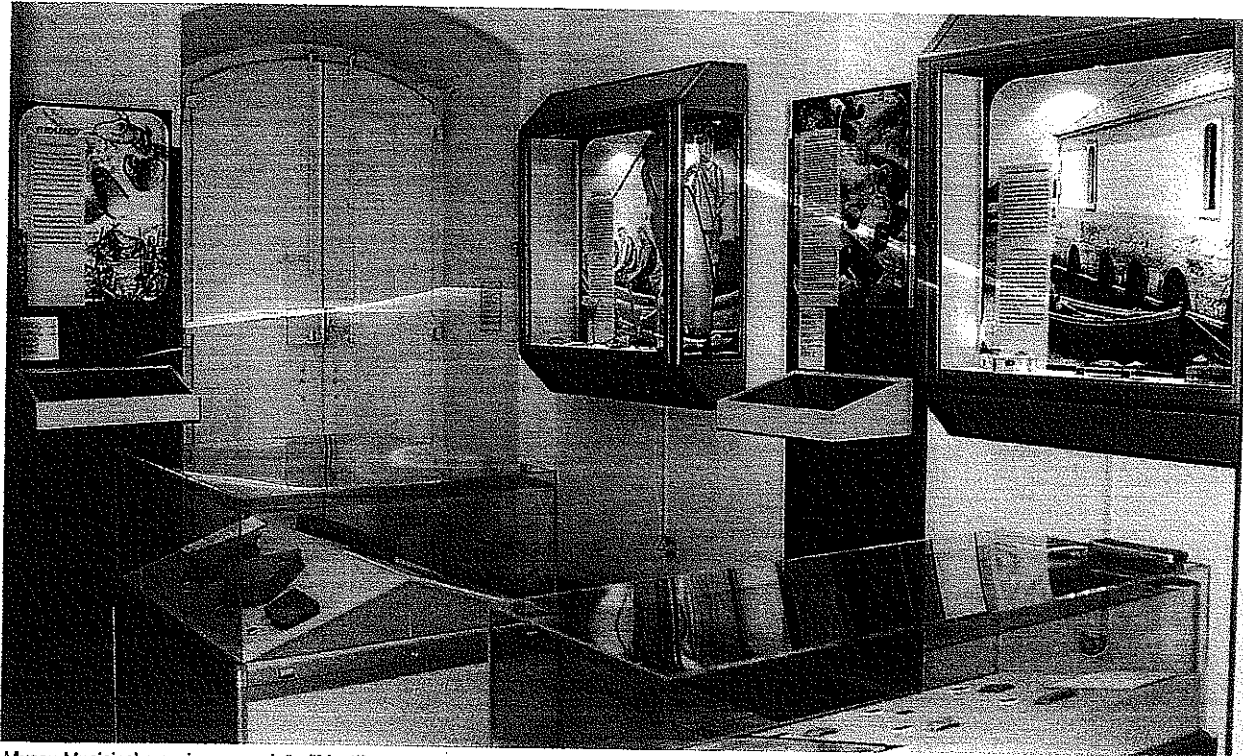
Por isso, a equipa do Museu Municipal preparou um conjunto de visitas guiadas aos moinhos do Esteval e do Cais. As visitas decorrem durante todo o ano e estão direccionadas para públicos específicos.

Visitas ao Moinho do Esteval

Contribuir para o desenvolvimento da comunidade, valorizar o património cultural, material e humano e promover o conhecimento do património pré-industrial são os objectivos da nova programação pedagógica do Moinho de Vento do Esteval.

"O moinho mágico do Esteval" é uma visita guiada para as crianças e jovens dos seis aos 15 anos. Através de jogos educativos e fichas temáticas descobrem, por exemplo, como os cereais se transformam em farinha.

Avós, pais e filhos, em conjunto, podem explorar o Moinho, perceberem a importância que o mesmo tinha no mundo rural, o seu funcionamento e



Museu Municipal organiza a exposição "Montijo: entre a terra e o rio".



Os jover

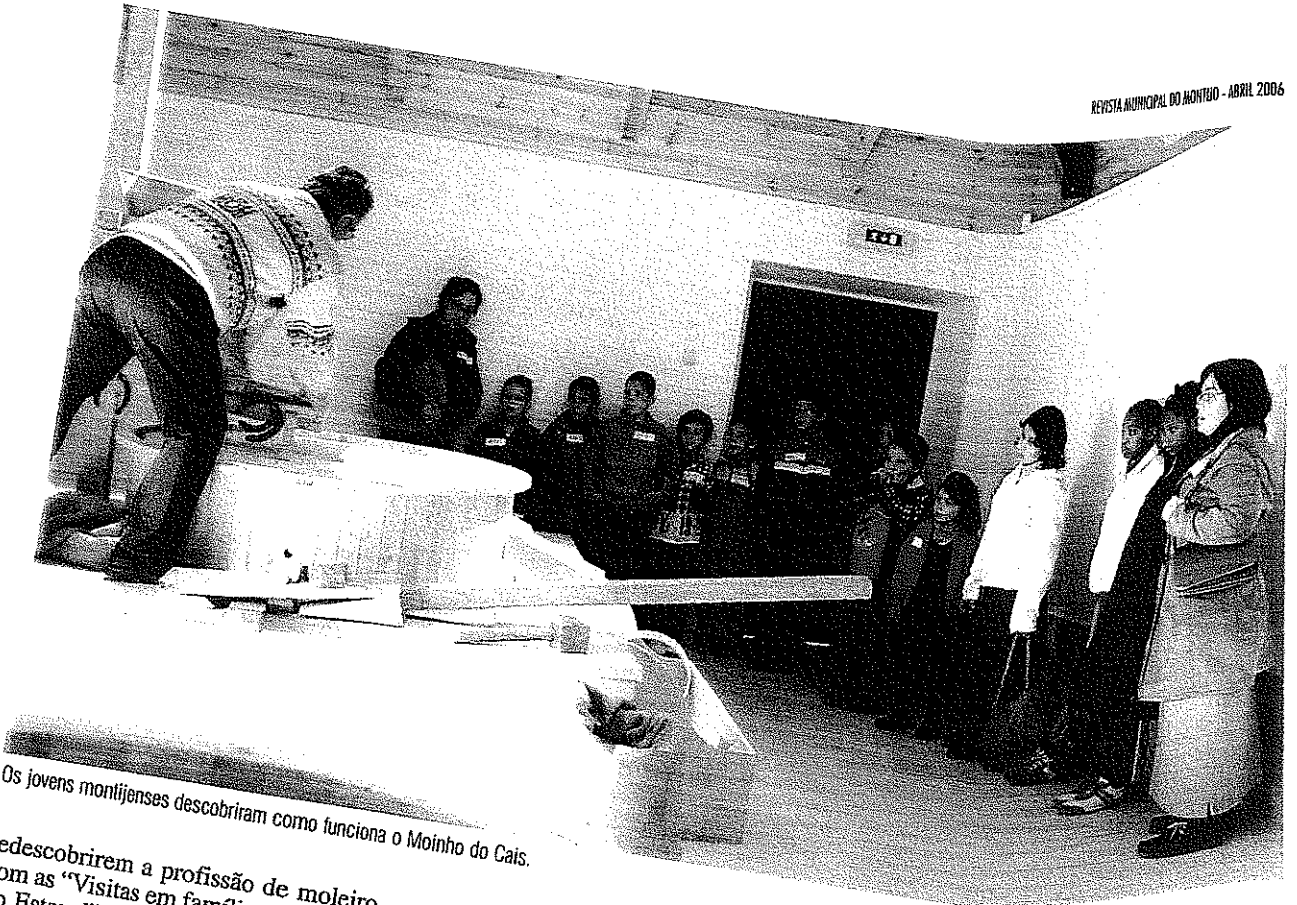
redesc
com a
do Es

Par.
dem r
forma
existe
visita
O pi
dispo
do Es
home
orige
cienti

A p
rienci
prese
segu
senta
o pre
de ve

Visit:

As c
anos
Moi
patri
parti
do M
A v
tame
conh
ao pt



Os jovens montijenses descobriram como funciona o Moinho do Cais.

redescobrirem a profissão de moleiro com as "Visitas em família ao Moinho do Esteval".

Para as pessoas idosas, que pretendem lembrar e reviver o passado, de forma a preservar a sociabilidade existente outrora no Moinho do Esteval, existe a visita "Reviver o Moinho do Esteval".

O público juvenil e adulto tem ao seu dispor as visitas guiadas "O Moinho do Esteval testemunha da ligação do homem às forças da natureza" e "As origens da moagem: apresentação científica e etnográfica".

A primeira pretende criar experiências sociais e culturais com vista à preservação do meio ambiente. A segunda conta com uma apresentação histórica e etnográfica sobre o processo de moagem num moinho de vento.

Visitas ao Moinho do Cais

As crianças e jovens dos seis aos 14 anos podem descobrir o passado do Moinho e aprender a preservar o património cultural local e nacional, participando na visita "À descoberta do Moinho do Cais".

A visita "Moinho do Cais - aproveitamento de energias renováveis: conhecer para preservar", destinada ao público juvenil e/ou adulto, pretende

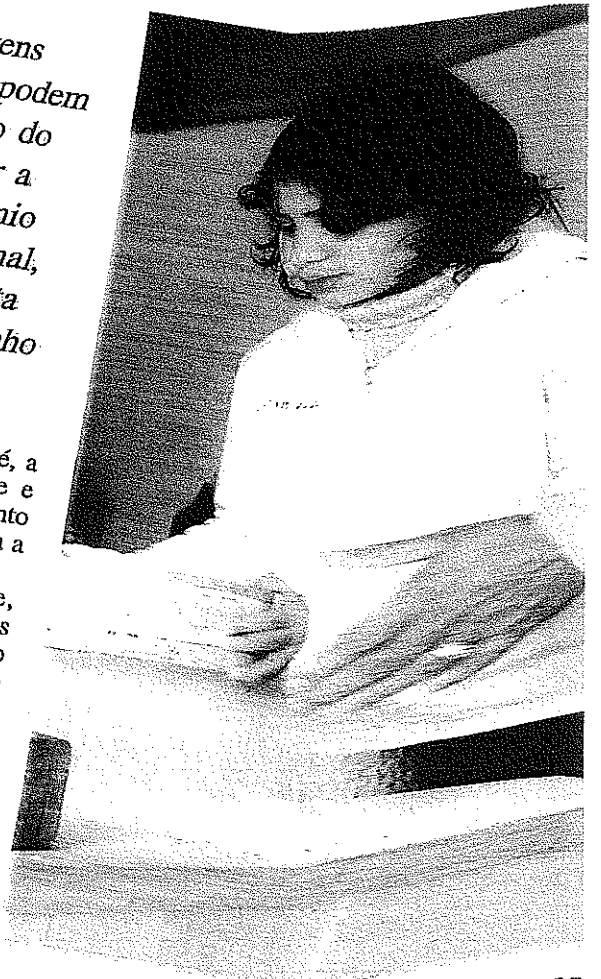
As crianças e jovens dos seis aos 14 anos podem descobrir o passado do Moinho e aprender a preservar o património cultural local e nacional, participando na visita "À descoberta do Moinho do Cais".

dar a conhecer o Moinho de Maré, a sua tecnologia, funcionalidade e memória, fomentando o conhecimento numa perspectiva de educação para a cidadania.

O Museu Municipal oferece, também, a visita "O Moinho do Cais e o rio", que inclui um passeio no estuário do Tejo, numa embarcação tradicional, e uma visita guiada ao Moinho.

Para grupos de pessoas idosas existe a visita "Relembrar o Moinho do Cais".

Se quiser participar nestas visitas deverá contactar o Museu Municipal através do telefone 21 232 30 21 ou do e-mail museu_montijo@clix.pt.



ipal
itas
: do
odo
ara

o da
nio
ver
oré-
ova
nho

" é
is e
vés
cas
os

a.
ito,
em
no
e

ESCREVER & MOSTRAR

J O R N A L

N.º 15
2005
DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

Para a Comunidade Educativa do Concelho de Montijo - Edição da Câmara Municipal de Montijo - Pelouro da Educação

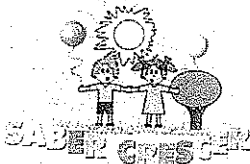
Índice

 COCA-BICHINHOS

Pág. 2, 3, 4

 ENIGMATIX

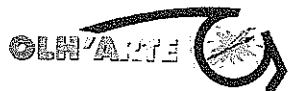
Pág. 5

 SABER GUESPER

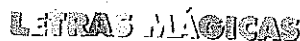
Pág. 6

 TO GAMEKER

Pág. 7

 OLH'ARTE

Pág. 8-9

 LETRAS MÁGICAS

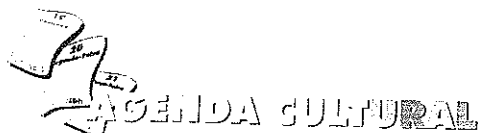
Pág. 10-11

 PENSAR SOBRE...

Pág. 12-13

 VAMOS NESSA

Pág. 14-15

 AGENDA CULTURAL

Pág. 16



Editorial

A abertura do ano lectivo é sempre motivo para saudar alunos, pais e professores, que são os verdadeiros protagonistas de um ensino, que se quer de qualidade e essencial para o desenvolvimento do país. O Governo anunciou, recentemente, algumas medidas para o primeiro ciclo no que concerne à introdução do inglês nos 3.º e 4.º anos, à regulamentação do "Programa de Generalização do ensino de Inglês no 1.º ciclo do ensino Básico", à extensão do horário até às 17h30 e ao alargamento dos almoços em condições idênticas às do 2.º e 3.º ciclos.

A introdução destas medidas parecem ir ao encontro das aspirações da comunidade educativa, sendo agora indispensável racionalizar a sua aplicação, com a dotação dos meios financeiros e logísticos indispensáveis.

Tendo bem presente a complexidade da aplicação prática destas medidas, talvez seja de bom senso aceitar o princípio da instalação progressiva e, através da estrutura associativa das escolas, procurar melhorar as condições de aplicabilidade destes programas.

Sabemos que existem défices de várias ordens em todas as escolas, os recursos são escassos e as necessidades dos alunos e professores são diárias e inadiáveis, daí a necessidade de um diálogo permanente entre as escolas e a autarquia.

As escolas do novo milénio exigem uma comunidade educativa participativa e interessada, para que possamos ter um ensino de excelência e sem discriminações de espécie alguma.

Como referi em tempos, é preciso dar vida à escola. Apoiar, no plano local, iniciativas que não sejam meras "experiências", mas que tenham solidez e continuidade no tempo. Iniciativas de professores, de pais ou de associações que, em colaboração com equipas pedagógicas, ponham em prática formas inovadoras de organização da escola e do currículo. A escola pública não deve ter um figurino único e uniforme.

Montijo, Novembro de 2005

A Presidente

Antónia Antunes

2078



VAMOS NESSA

Moinho de Maré do Cais



Os moinhos representam, com a sua engrenagem de moenda, a forma mais evoluída de um sistema primitivo de trituração dos grãos de cereal entre duas pedras, para fabrico de farinhas alimentares, cuja origem remonta aos tempos pré-históricos. As primeiras moagens eram sem engenhos, mais tarde com as conquistas do homem agricultor, adaptou-se um engenho motor, que substituiu a força do braço pela acção das correntes de água ou vento. Assim, ao longo do tempo somos testemunhas, de diferentes tipos de moinhos, que são em cada tempo e em cada lugar, resultante do Saber Fazer tradicional, das fontes de energia disponíveis. No Município de Montijo foram identificados três tipos de moinhos tradicionais, que materializam as diferentes formas de aproveitamento de energia (vento, marés e cursos de água).

Iremos debruçarmo-nos nos moinhos de maré, dado que a Câmara Municipal de Montijo procedeu à recuperação do Moinho de Maré do Cais, que foi inaugurado no dia 29 de Junho do corrente.

No Concelho de Montijo havia seis (6) Moinhos de Maré: o da Quinta da Lançada (o mais antigo data de 1386), o das Assentas (também conhecido por da Mundet ou da Quinta Velha), o do Meio, o do Saldanha, o Moinho do dois termos (separa o Montijo de Alhos Vedros). Todos estes moinhos se situavam em grandes casas senhoriais, pois como pressupunham um grande investimento, pertenciam, quase sempre, à Nobreza ou às Ordens Religiosas.

O Moinho do Cais

O documento mais antigo que se conhece sobre este moinho data de 1645. Através do lintel (1) da porta, que representa as Armas de Santiago, verificamos que este

moinho pertencia à Ordem Militar de Santiago. Este foi muito importante, tendo sido um dos maiores de Montijo, faz parte dos moinhos do estuário do Tejo testemunhos de uma intensa actividade comercial e económica que se estendeu desde Seixal, Barreiro, Montijo e um caminho de passagem entre o Norte e Sul de Portugal.

O Moinho do Cais é o único exemplar conhecido de moinho de maré do Tejo que se manteve com mecanismos primitivos. Este moinho resistiu às adaptações industrializantes que se sucederam a partir do Séc. XIX, pois não apresenta marcas tais como rodas dentadas metálicas, assim manteve a traça original.

Princípios de Funcionamento:

1) Quando a maré sobe, a água entra pela comporta, porta de madeira móvel sobre o eixo, colocada no acesso à caldeira;

2) A água de maré fica represada na caldeira, enquanto no exterior o nível da maré desce, deixando a descoberto os rodízios; (2)

3) No interior do moinho, o moleiro abre os pegadouros (3) provocando dentro dos canais a queda de água sobre os rodízios que os coloca em movimento;

4) O movimento dos rodízios é transmitido às mós (4), através de um sistema de engrenagens, para que estas comecem a moer o cereal, transformando-o em farinha.

O Moinho do Cais é hoje um edifício que demonstra a vontade de fazer reviver e perpetuar os vestígios de um passado local e nacional.

Glossário:

1- Lintel: elemento resistente de betão armado ou outro material que se coloca na parte superior de uma porta ou de uma janela.

2 - Rodízios: peça do moinho em cuja extremidade está as travessas (penas) que a água põe em movimento para fazer andar a mó.

3 - Pegadouro: parte onde se pega num objecto, cabo.

4 - Mó: pedra circular e rotativa dos moinhos, que tritura e mói o grão dos cereais.

Texto elaborado pelo Museu Municipal da C.M.M.

Moinho da Maré do Cais

Museu Municipal
(Casa Municipal do Grão Geral)

Aberto de 9h às 17h
Visitas Escolares: Todos os dias quando devidamente marcadas

ANEXO 6

Colecção de postais sobre o Moinho do Cais

Edição
Câmara Municipal
Projecto Gráfico
DIRP - Atelier de
Impressão
Gráfica da Câmara
Fotografia
Carlos Rosa
Traçagem
1000 ex.

Câmara Municipal
Montijo



MOINHOS DO CAIS



O Moinho do Cais, equipamento de moagem movido pela acção das marés, é um lugar de memória que pressupõe uma partilha e troca de experiências. Edifício que demonstra a vontade de fazer reviver e perpetuar os vestígios de um passado local e nacional.

O edifício do moinho sofreu inúmeras alterações ao longo da sua história, tendo ruído no início dos anos 80. O objectivo principal da intervenção realizada pela Câmara Municipal de Montijo foi reconstruí-lo respeitando, sempre que possível, a sua tipologia, funcionalidade e memória.

Actualmente, após o processo de reconstrução, este moinho encontra-se em funcionamento, integra um projecto museológico inclusivo, ao serviço da comunidade, fruto do entusiasmo, do estudo, concretização e empenho da autarquia e de equipas pluridisciplinares renasce solidificando o elo de várias gerações.

Câmara Municipal
Montijo



